



UnB

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E
LÍNGUAS CLÁSSICAS

Júlio Bernard Bezerra dos Santos

**Português e Línguas Africanas: um estudo sobre as diferentes
perspectivas de análise sobre o fenômeno de contato entre as
línguas.**

Brasília

2013

Autor:

Júlio Bernard Bezerra dos Santos

Matrícula: 10/0014534

E-mail: juliobernard_b@hotmail.com

**Português e Línguas Africanas: um estudo sobre as diferentes
perspectivas de análise sobre o fenômeno de contato entre as
línguas.**

Trabalho apresentado ao Departamento de
Linguística, Português e Línguas Clássicas (LIP), da
Universidade de Brasília, como projeto final de curso.

Orientadora: Professora Dra. Eloisa Nascimento Silva Pilati.

Brasília

2013

SUMÁRIO

1. Introdução.....	6
2. Negrão, E.V.; Viotti, E. (2011).....	7
2.1. Petter, M. (2009).....	9
2.2. Avelar, J.; Cyrino, S. (2008).....	13
3. Análise/ Proposta.....	17
4. Considerações Finais.....	19
5. Referências Bibliográficas.....	20

Resumo

Neste trabalho serão discutidas as diferentes perspectivas de análise sobre a tese de contato das Línguas Africanas (LAs) e o Português Brasileiro (PB). Principalmente, de como esse contato pode ter influenciado na formação de fenômenos linguísticos específicos de PB, quando este é comparado ao Português Europeu.

Será possível observar através da análise dos trabalhos de: Negrão & Viotti (2011), Petter (2009) e Avelar & Cyrino (2008), como esses trabalhos têm abordado e compartilhado a tese da influencia linguística africana sobre o PB. Essa tese é vista por cada linha de estudo desses trabalhos de modo diferente, apesar de serem bastante próximas e complementadoras.

Palavras chave: Estudo linguístico brasileiro. Tese de contato entre línguas. As Línguas Africanas. Português Brasileiro.

1. Introdução

Na literatura linguística brasileira, há um amplo debate sobre as origens do Português Brasileiro (PB). Esse debate se intensifica, principalmente, em relação à tese de que as Línguas Africanas (LAs) influenciaram a formação do Português Brasileiro (PB). De um lado, há trabalhos como o de Naro & Scherre (2007) - em que argumenta-se que as variações em níveis fonológicos e morfossintáticos observadas em PB podem ser resultados de um processo natural de crioulização do português clássico e antigo - ou seja, para os autores o contato com as LAs não influenciou o PB. De outro lado, os trabalhos de Negrão & Viotti (2011), Petter (2009) e Avelar & Cyrino (2008) defendem a posição de que o contato com LAs influenciou de maneira pontual a estrutura morfológica, morfossintática, sintática e semântica de PB.

No entanto, é interessante considerar que as influências das LAS no PB são analisadas pelos autores a partir de aspectos linguísticos distintos. O trabalho de Negrão & Viotti argumenta que o contato pode ter influenciado a estrutura morfossintática do PB. No trabalho de Petter, a influência está relacionada à morfologia e à semântica do PB e, em Avelar & Cyrino, a influência está relacionada à sintaxe. Logo, é possível observar que não há consenso nos trabalhos que defendem a tese de contato entre PB e LAS em relação à forma como essa influência ocorreu.

Este presente trabalho tem como objetivos: apresentar as diferentes perspectivas de estudos sobre a tese de contato entre PB e LAs; e propor uma análise/ proposta sobre o fenômeno de inversão locativa presente em PB, de acordo com os estudos de transferência de traços categóricos entre T e C em Miyagawa (2011).

Nas seções 2, 2.1 e 2.2 deste trabalho serão apresentados os estudos de Negrão & Viotti, Petter e Avelar & Cyrino sob a forma de resenhas. Na seção 3, será apresentada uma análise sobre o fenômeno de inversão locativa abordado no trabalho de Avelar & Cyrino, a partir dos estudos de transferência de traços categóricos entre T e C em Miyagawa (2011) e, por fim, na seção 4 serão sintetizadas as constatações mais importantes da pesquisa e as possíveis direções para novos questionamentos sobre a temática.

2. Aspectos epistemológicos sobre o estudo da participação das línguas africanas no português brasileiro

Segundo Negrão & Viotti (2011), as pesquisas linguísticas que se voltam para o estudo da participação das línguas africanas no português brasileiro divergem, principalmente, em relação à hipótese de influência ou não influência das línguas africanas sobre a formação do português brasileiro (PB). De um lado, vários trabalhos abordam as variações fonológicas, morfossintáticas, sintáticas e semânticas do PB, como sendo traços importantes de contato linguístico do português com as línguas africanas. De outro lado, trabalhos como o de Naro & Scherre (2007) indicam que as variações fonológicas e morfossintáticas observados em PB, em contraposição ao português europeu (PE), podem ser resultados de um processo natural de criouliização do português clássico e antigo, ocorrido durante os séculos XV e XVI. Para esta última linha de estudo, as influências das línguas africanas e indígenas tiveram pouco impacto sobre a estrutura gramatical do PB.

Para Negrão & Viotti, de acordo com os estudos de Mufwene (2008), o conceito de criouliização das línguas não deve se basear somente por considerações linguísticas, mas, sim, analisado através da conjuntura social de interação entre as línguas. Segundo Mufwene, as línguas crioulas emergiram em sociedades segregárias, em que os falantes das línguas africanas interagiam mais entre seus grupos, do que entre os falantes das línguas europeias. Logo, essa situação favoreceu uma maior interferência das línguas substratos (crioulas) sobre as línguas superstratos (línguas europeias).

Segundo as autoras, ao se analisar o processo de constituição do PB, observa-se que esse não pode ser considerado um crioulo. Primeiramente, pelo fato de que, durante o período de colonização, o número de falantes das línguas africanas era bem maior do que o número de falantes do português, ou seja, uma situação totalmente divergente em relação à situação de formação dos crioulos. Em segundo lugar, devido ao elevado nível de miscigenação social do Brasil colonial, os falantes de línguas africanas se socializaram com os falantes do português.

Negrão & Viotti assinalam que a mudança morfossintática que distingue o PB do PE, como também das outras línguas românicas, é um resultado do processo de seleção das variedades morfossintáticas oriundas do PE e das línguas africanas.

Na tentativa de explicar esse processo de seleção, as autoras utilizam como pressuposto teórico Mufwene (2008). Segundo Mufwene, a situação de contato entre diferentes línguas,

em que há diversificação e mudança linguística, ocorre através da combinação de dois processos:

i) a seleção de certos recursos entre várias alternativas concorrentes que se encontram presentes na gramática das línguas superstrato, e (ii) a influência das línguas substratos na seleção mencionados em (i)

(2011, p. 3)¹.

Segundo Negrão & Viotti, a estratégia de detransitivização do PB é um exemplo de fenômeno linguístico que pode ter uma explicação segundo os processos de mudança de Mufwene.

São exemplos de detransitivização em PB:

- (1) A casa do lado alugou ou vendeu?
- (2) Eu fiquei com tanto medo que o sanduíche nem engoliu.
- (3) O Luiz nunca torceu tanto para um saque errar
- (4) Não tem nenhum caso de concurso que anulou por causa de mérito.

(2011, p. 3 e 4)

As autoras observam que os verbos biargumentais: *alugar, vender, engolir, errar e anular* estão sendo construídos em PB apenas com um único argumento. Esse único argumento ocupa uma posição pré-verbal nas sentenças (1 a 4), devido à falta do argumento temático de cada uma dessas estruturas.

A recorrência desse tipo de estrutura, em PB, pode estar relacionada à aproximação que esta língua tem em relação às línguas de orientação temática. Para as autoras, as construções intransitivas a partir de verbos que são prototipicamente transitivos são exemplos típicos de construções oriundas do português clássico (século XVI), e também da língua Kimbundu.

Após análise dos estudos de Paixão de Souza (2008), Negrão & Viotti constatam que em estruturas canônicas do português clássico, os complementos eram deslocados para a posição periférica à esquerda das sentenças, como também havia uma grande preferência pelos sujeitos nulos. Porém, mesmo com o deslocamento dos objetos para a posição pré-verbal, a interpretação da sentença do português clássico se mantinha como causativa.

¹ Tradução do texto original em inglês.

Em kimbundu, diferentemente do português clássico, de acordo com Givón (2002), os deslocamentos à periferia esquerda da estrutura refletem uma interpretação passiva da sentença.

Logo, as autoras concluem que tanto o português clássico, quanto a língua kimbundu contribuíram para que em PB, certas congruências morfossintáticas dessas línguas refletissem na formação de variações pontuais, como: “deslocamento do argumento temático à periferia a esquerda, o sujeitos nulos e os verbos na voz ativa”.² O contato específico com a língua Kimbundu é responsável por passar a categoria interpretativa dessas estruturas, como o deslocamento de objetos e de presença de sujeito nulos, ao PB como sendo semanticamente estruturas passivas.

As estruturas de deslocamento de objetos se transformaram, ao longo do período variacional da língua, em estruturas de características absolutas das quais a eliminação da categoria de sujeito nulo e a reinterpretação dos objetos deslocados para a posição sujeito da sentença se organizaram, conjuntamente, com a forma ativa dos verbos: alugar, vender, engolir, errar e anular. Assim, é possível afirmar que a interpretação passiva oriunda das estruturas da língua kimbundu forneceu, ao PB, uma base de interpretação das estruturas (1, 2, 3 e 4) através da forma absoluta. Seguindo esse tipo de orientação estrutural:

(12) [DP theme [DISLOCATED OBJECT]] [Ø [SUBJECT]] [V active form]

(2011, p. 22)

Para as autoras, o contato entre o PE e a língua Kimbundu, durante o período colonial, pode ser uma importante prova de que o processo de detransitivização presente no PB contemporâneo é sim um processo diacrônico de variação oriundo do contato daquelas línguas.

Em suma, para as autoras um argumento a favor das influências das LAS no PB são as estruturas de detransitivização, fruto da reorganização ou reinterpretação sintática do Português arcaico com elementos de línguas africanas.

² Tradução do texto original em inglês.

2.1 Aspectos morfosintáticos comuns ao português angolano, brasileiro e moçambicano

Petter (2009) propõe uma análise sobre os aspectos morfosintáticos comuns encontrados no português angolano (PA), no português brasileiro (PB) e no português moçambicano (PM) a partir da tese de que essas variedades do português compartilham aspectos históricos e linguísticos semelhantes. Nesse sentido, sua pesquisa parte de duas hipóteses:

(i) o contato do português com as línguas bantas (LBs) teria favorecido algumas similaridades entre as variedades angolana, brasileira e moçambicana do português e (ii) essas variedades linguísticas constituiriam um *continuum* de português.

(2009, p. 203).

Segundo a autora, a partir da análise sobre o léxico das três variedades do português (angolana, brasileira e moçambicana) é possível destacar que essas variedades compartilham, entre si, o contato linguístico: português e línguas africanas. Porém, as especificidades culturais, sociais e históricas dessas variedades “são fatores relevantes que atuam na configuração semântica e morfosintática dos itens lexicais e conferem um traço de individualidade ao léxico de cada uma dessas variedades”. (2009, p. 205).

Para analisar o contato linguístico entre o português e as línguas africanas, e o subsequente impacto que esse contato forneceu as variedades do português angolano (PA), português brasileiro (PB) e do português moçambicano (PM), a autora utiliza como pressuposto teórico a teoria de Myers-Scotton (2002). Esta teoria defende que um mesmo conjunto de princípios e processos explica qualquer fenômeno de contato linguístico.

Assim, segundo essa teoria, existem três modelos de contatos entre as línguas, sendo eles: o modelo MLF (*Matrix Language Frame*), modelo 4-m e do nível abstrato.

O modelo MLF é utilizado para explicar as situações de contato linguístico em que as línguas envolvidas apresentam-se numa situação assimétrica. Ou seja, situação em que há uma língua matriz fornecedora da estrutura morfosintática, e uma(s) língua(s) encaixada(s), que influencia(m) na formação lexical. De acordo com o modelo, o português teria sido uma língua matriz e as línguas africanas, línguas encaixadas.

No modelo 4-m, o processo de contato linguístico é compreendido diante de uma oposição básica em relação ao modo como os morfemas são acessados durante o processo de produção das estruturas linguísticas. Os morfemas são divididos em duas categorias: [+conceptualmente

ativados]: composto por morfemas de conteúdo e morfemas gramaticais precoces; [-conceptualmente ativados]: composto por morfemas gramaticais tardios ponte e os morfemas gramaticais tardios exteriores.

Os morfemas conceptualmente ativados são “acessados no nível do léxico mental”, e abrangem os morfemas de conteúdo: nomes e verbos, e os morfemas gramaticais precoces: artigos, adjetivos possessivos, as marcas de pessoa, número e gênero. (2009, p. 206).

Segundo a teoria 4-m, durante o processo de primeira ou segunda aquisição de línguas, inicialmente são apreendidos os morfemas de conteúdo (léxico) e, em seguida, os morfemas gramaticais precoces.

Para a autora, o português e as línguas bantas (africanas) se distinguem em relação à formação dos morfemas gramaticais precoces. No português, “o determinante (artigos e adjetivos possessivos) depende do núcleo nominal para a informação de gênero e número”. Nas línguas bantas, “o determinante, um prefixo associado à raiz nominal, depende do núcleo nominal para informar a classe, que envolve a noção de número”. (2009, p. 206).

A partir da análise dos dados linguísticos de variação de concordância nominal encontrados em PA, PB e PM, Petter constata dois fatos importantes: a variação de concordância de número é um fenômeno comum tanto em PA, PB e PM, e a variação de concordância de gênero é um fenômeno mais próprio do PA e PM, sendo encontrada em PB somente em comunidades quilombolas, rurais ou em alguns centros urbanos.

Vejamos os exemplos utilizados pela autora:

No PA:

(1) Você chega lá os caminhão todo um dia tão abastecer (Ze53 – 18/238, apud Chavagne 2005:240).

No PB:

(2) Nas minhas coisa, não gosto (Lopes, 2005: 75).

No PM:

(3) Era ele com os outro que descarregava os tambor de óleo (Laban 1999: 141).

No PA:

(4) Os camaradas descem conforme a porta do autocarro ainda tava aberto (Fr 102- Chavagne 2005: 242).

No PM:

(1) É uma cidade mais ou menos idêntico à de Maputo. (Gonçalves 2001: 986).

No PB: - em comunidades quilombolas do Maranhão.

Os menino é os que mais gosta de brincadeira bruto (Cunha 2003:96).

(2009, p.207 e 208).

O fato de PB ter uma estabilidade em relação à marcação de gênero (utilizando a variedade europeia) em contrapartida ao PA e o PM (fortemente influenciados pelo contato entre línguas bantas e português), evidencia que essas variedades da língua portuguesa tiveram desenvolvimento em épocas diferentes. Assim, segundo Petter, é possível destacar - a partir desse contraste em relação à concordância de gênero entre PA, PM e PB - um “*continuum*” *afro-brasileiro*:

Em que as variedades africanas, apesar de mais recentes, estariam, em alguns aspectos, como este, o do gênero, manifestando um estágio (já ultrapassado no PB e pouco documentado) de variação mais intensa, e em que português brasileiro já apresentaria maior estabilidade, fruto de um período de variação mais antigo, que se teria resolvido em mudança, pela adoção de uma das variantes, no caso específico, a do gênero do português europeu. (2009, p. 209).

Em situação de convergência entre línguas, em que pode ser relacionada à formação de PA, PB e PM, Myers-Scotton considera que as relações lexicais entre as línguas envolvidas na situação de convergência (no caso específico dessas variedades, o português e as línguas bantas) são estruturadas em três níveis, sendo eles: o léxico conceptual, predicado-argumento e modelos de realização morfológica.

O nível léxico conceptual é referente aos neologismos, mudança semântica ou desvios semânticos, portanto, a traços pragmáticos e semânticos. O nível predicado-argumento, por sua vez, as alterações nas estruturas argumentais das sentenças. Em seu trabalho, Petter

mostra, como exemplo de alteração na estrutura argumental, o uso do verbo “nascer” em PA e PM.

No PA:

(26) A minha mãe que me nasceu (Ribas, 1998: 2013);

No PM:

(27) (Eu) fui nascido em casa (MX/2/NAU) (Gonçalves, 1997^a: 52).

(2009, p. 215)

Segundo a autora, as frases (26) e (27) “só podem ter sido formadas a partir da transitivização do verbo nascer” (2009, p. 215).

A transitivização do verbo nascer, em PA e PM, pode ser um indício de que esse processo assemelha-se a forma, em que as línguas bantas, promovem o sintagma verbal “nascer”. Nelas, a ação do verbo “nascer” necessariamente seleciona um argumento, numa estrutura que envolve transitividade entre (agente e paciente).

No nível de realização morfológica, a autora destaca dois tópicos variacionais semelhantes entre PA, PB e PM, em relação à norma europeia. Sendo eles: a colocação pronominal e o uso do clítico acusativo de terceira pessoa.

Petter conclui que, embora sua análise sobre os morfemas de superfície (os de conteúdo, os gramaticais precoces e os gramaticais posteriores) de PA, PB e PM, mostrarem que essas variedades se orientam a partir da norma europeia, grande parte da estrutura dessas variedades pode ser oriundas, também, da estrutura abstrata das línguas bantas, refletindo uma situação de convergência de acordo com Myers-Scotton. E a semelhança de alguns fenômenos analisados em sincronia de PA, PB e PM reforça a tese de que há um “*continuum*” afro-brasileiro de português. No sentido de que PA e PM passam por fenômenos linguísticos semelhantes a fenômenos que podem já ter ocorrido em PB.

2.2 Locativos preposicionados em posição de sujeito: uma possível contribuição das línguas Bantu à sintaxe do português brasileiro.

Avelar & Cyrino (2008), ao analisarem as sentenças que apresentam um sintagma locativo preposicionado na posição pré-verbal da oração encaixada, observam que o português brasileiro (PB) apresenta “um contraste proeminente” em relação ao modo de interpretação dessas sentenças, quando comparado ao português europeu (PE).

No PE, a estrutura:

(1) Ele disse que naquela loja vende livro”. (2008, p. 56).

É interpretada de maneira que o sujeito nulo da oração encaixada é correferente ao sujeito da oração principal. Já em PB, os falantes atribuem a essa estrutura uma interpretação indeterminadora, ou seja, similar aos casos de uso de índice de indeterminação do sujeito.

Porém, essa explicação utilizada na sentença (1) não pode, segundo os autores, explicar os casos de estruturas em que o locativo é obrigatório em PB, ocupando a posição gramatical de sujeito. Como são demonstradas nos exemplos abaixo.

(2) a. * Vende muitos livros.

b. Lá/ Naquela loja vende muitos livros.

Em contraste ao PE,

(3) (Naquela loja) vende(m)-se muitos livros.

(2008, p. 57)

Ao ocupar a posição de sujeito, no caso (2-b), o locativo impede que qualquer outro elemento ocorra em sua posição.

Os autores sugerem que o tipo de construção relatada em (2-b) é uma inovação própria do PB, e que pode ter sido uma contribuição das línguas Bantu, faladas pelos escravos de origem africana que chegaram ao Brasil durante seu período colonial.

Para Avelar & Cyrino, as línguas Bantu são línguas que permitem em suas estruturas a inversão locativa, ou seja, permitem que um constituinte locativo não argumental ocupe a posição de sujeito. Nessas línguas, as inversões locativas podem ocorrer em variedades mais amplas de construções, quando comparadas com outras línguas.

No PB, situações em que os verbos são inacusativos, transitivos ergativizados e inergativos, a ocorrência de um locativo pré-verbal sem a necessidade de que um DP/NP argumental apareça na posição de sujeito é admitida. Vejamos os exemplos:

(11) a. Na casa da Maria chegou algumas cartas.

(12) a. Naquele quarto dormiu várias pessoas.

(13) a. Naquele bairro aluga casa de todos os preços.

(14) a. Nas cidades do interior não sequestra tanto como nas grandes capitais.

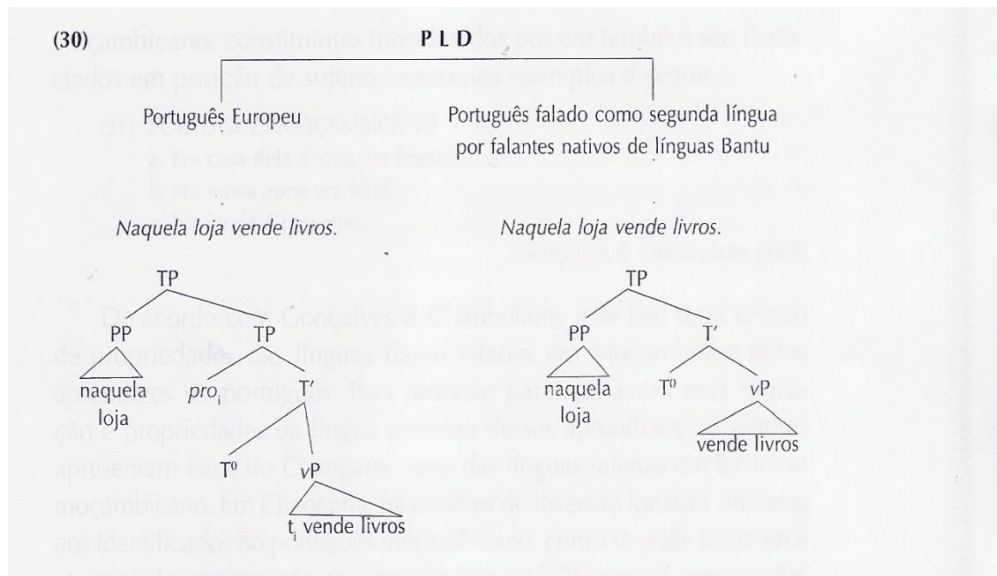
(2008, p. 61)

A obrigatoriedade do constituinte locativo em contextos com sujeitos pós-verbais, a simetria entre os locativos e sujeitos nominais quanto à obrigatoriedade de serem movidos para [spec, TP] em construções com verbos de alçamento, podem, segundo os autores, ser consecutivos indícios de que os PPloc estão sendo licenciados no locus comumente identificado como posição de sujeito em PB.

Avelar & Cyrino articulam a hipótese de que é possível a correlação entre a emergência das construções de inversão locativas no PB a uma influência da gramática de línguas Bantu, pensando tanto nos padrões de inversão locativa, quanto nas propriedades do paradigma flexional.

Essa hipótese é sustentada pela proposta teórica de Roberts (2007), chamada PLD, (*Primary Linguistic Data*). Nesta proposta, fundamenta-se que as mudanças gramaticais de uma língua podem ser originárias de um ambiente de falta de transparência de dados linguísticos. Em uma situação de contato entre duas línguas, os falantes, “ao se comunicarem em uma segunda língua, empreguem estruturas que correspondam, o mais próximo possível, à configuração de sua língua materna”. Ou seja, no caso específico da relação entre as línguas Bantu e o PB, o falante optou pela forma “menos marcada para determinada categoria”. (2008, p. 66).

No exemplo a seguir, os autores exemplificam as diferenças estruturais entre o Português falado com segunda língua por falantes nativos de línguas Bantu (PL2) e o Português Europeu (PE).



(2008, p. 67).

No PE, há uma categoria pronominal nula que se move de [Spec, VP] para [Spec, TP], e por consequência, o constituinte locativo é concatenado para a posição periférica. Porém, no PL2, o processo aproxima-se a outro ponto, em que o constituinte locativo está diretamente concatenado em [Spec, TP].

Em anexo a esse processo, outros fatores são desencadeados como: a possibilidade do [Spec, VP] deixar de ser interpretado como agente; o não emprego do pronome nulo referencial nessas construções; o licenciamento da categoria T sem traços – Φ .

O uso do verbo *ter* como existencial no PB, pode ser segundo os autores, em concordância a pesquisa de Avelar (2008), uma outra forte evidência de que esse processo está vinculado ao fato de que nessa língua, a estrutura das sentenças possessivas admite um PPLOC em [Spec, TP/IP].

O paralelismo entre a inversão locativa e a morfologia verbal das línguas Bantu e PB é outro importante ponto de correlação entre essas línguas. Ao analisar o PB, constata-se que a inversão locativa ocorre preferencialmente com verbos em terceira pessoa do singular, ou seja, possui um paradigma flexional bastante restritivo, uma morfologia empobrecida, correspondente ao que ocorre nas línguas Bantu. Mesmo quando se pensa no emprego plural, a manifestação de concordância em PB está atrelada à periferia gramatical, “adquirido por

meio da imitação da língua escrita culta, e não de uma propriedade da gramática nuclear”. (2008, p. 72).

3. Análise

Dentre os fenômenos apresentados nas seções acima, será analisado a seguir a argumentação de o PB ser uma língua influenciada pelas línguas africanas com base na argumentação sobre as estruturas com inversão locativa serem do tipo XP V X, (ou seja, elemento preposicionado na primeira posição da sentença + verbo + argumento verbal).. Esse tipo de estrutura, com elementos alçados à primeira posição na sentença, começaram a ser analisado pela literatura linguística brasileira através dos estudos sobre a topicalização. Entre esses, Pontes (1987) e Lobato (2006) aparecem como estudos referenciais.

Pontes (1986) aponta que a construções de tópico em PB ocorrem quando o tópico apresenta-se na posição de sujeito, que é a primeira posição da oração, e o sujeito que era originário da antiga estrutura passa a ocupar uma posição pós-verbal. Como o PB tem como organização estrutural comum: SVO, a concordância verbal das estruturas topicalizadas orienta-se através do tópico.

Lobato (2006) considera que as construções de tópico-sujeito presentes em PB orientam-se através do alçamento de um subconstituente de um argumento interno. Como pode ser visto nos exemplos abaixo:

- 1) a) O carro furou o pneu.
- b) Furou o pneu do carro.

(Lunguinho, 2006, p.133)

Os deslocamentos dos sintagmas locativos ocorrem em PB, especificamente, em casos em que os verbos são inacusativos biargumentais. Ou seja, em casos em que o verbo inacusativo biargumental licencia o sintagma locativo a ocupar a posição de inicial de um argumento. Como se pode atestar, pelos exemplos acima, os casos de topicalização “clássicos” ocorrem com elementos preposicionados que “perdem” a preposição ao serem topicalizados. Essas estruturas são diferentes das analisadas por Avelar e Cyrino (2008) pelo fato de que nos casos estudados pelos autores a preposição ser mantida.

Caso essas estruturas sejam analisadas como semelhantes, devem apresentar comportamentos semelhantes, porém, o questionamento que se apresenta é se a concordância das sentenças (1-a) e (1-b) pode ser influenciada pelo deslocamento o sintagma locativo, .

Vejamos então:

- 1) a) O carro furou o pneu.
b) Furou o pneu do carro.
- 2) a) Os carros furaram o pneu.
b) Furaram os pneus dos carros.

Agora vejamos os casos estudados por Avelar e Cyrino em que os elementos deslocados para a posição de tópico mantêm a preposição:

- 3) a. Na casa da Maria chegou algumas cartas.
b. Naquele quarto dormiu várias pessoas.
- 4) a. Na casa da Maria chegaram algumas cartas.
b. Naquele quarto dormiram várias pessoas.
- 5) a. Nas casas da Maria chegou uma carta.
b. Naqueles quartos dorme um menino.

Observamos anteriormente no trabalho de Avelar & Cyrino (2008), que essas sentenças (2-a) e (2-b) são, segundo os autores, sentenças que apresentam constituintes locativos diretamente concatenados na posição [Spec, TP], e que são licenciadas pelo fato do [Spec, VP] perder o traço de [+ agente]. Ora se essa afirmação fosse verdadeira não poderia haver concordância entre o DP sujeito pós-verbal e o verbo da oração, como ocorrem em (4a,b). Ao comparar o comportamento das sentenças em (4) com as em (5), observa-se que caso se coloque o elemento topicalizado no plural não há a menor necessidade de se flexionar o verbo. Em suma, é impossível afirmar que os elementos locativos preposicionados na primeira posição da sentença estejam em SpecTP.

Porém, será que as LAs admitem que os argumentos [+ agente] com Caso Nominativo ocorram conjuntamente com os argumentos locativos deslocados? Pois, se as línguas africanas permitirem essa ocorrência, o PB não estaria apresentando um caso divergente ao que ocorre nas línguas africanas?

Em Miyagawa (2011), a partir da análise da língua kinande, uma das línguas africanas, constata-se que essa língua não admite a relação de caso (nominativo) em relação ao DP elevado à posição de Spec, TP. Diferentemente, ao que ocorre nas línguas românicas, em que a posição T, necessariamente, está relacionada semanticamente ao sujeito, selecionando especificamente um argumento de característica de caso nominativo.

Na língua Kinande, a marcação de concordância é orientada pelo elemento que ocupa a extremidade de qualquer sentença. Este elemento, seja um sujeito, objeto ou sintagma locativo pode ser interpretado como elemento determinado ou específico. A interpretação topicalizada surge em decorrência do movimento desses elementos através da hierarquia das estruturas da língua.

Em outras palavras, para se afirmar que o PB tem um comportamento similar a línguas africanas seria necessário que uma oração como (6) ou fosse agramatical ou houvesse concordância entre o elemento locativo deslocado e o verbo. Como se atesta nos exemplos abaixo, pelo menos nesses casos, não é isso o que ocorre. Nas orações em (6), o verbo concorda com o sujeito, mesmo havendo um elemento adverbial descolado.

- 6) a. Na casa da Maria algumas cartas chegaram.
- b. Naquele quarto várias pessoas dormiram.

4. Considerações finais

Durante o trabalho, foi possível observar que dentro da literatura linguística brasileira há várias pesquisas que se propõem a discutir as origens do português brasileiro. Porém, ao mesmo tempo que há uma grande quantidade de trabalhos sobre o assunto, existe uma falta de consenso entre esses.

Como vimos, os trabalhos de Negrão & Viotti (2011), Petter (2009) e Avelar & Cyrino (2008) admitem a contribuição das línguas africanas sobre a formação do PB, mas divergem em relação a como essa contribuição se articula em PB. Para Negrão & Viotti, a contribuição está relacionada à estrutura morfossintática, em especial o processo de detransitivização. Já para Petter, a contribuição está relacionada ao fenômeno de variação morfológica de número

e gênero. E, em Avelar & Cyrino, a contribuição está relacionada ao fenômeno de inversão locativa.

Nesse sentido, seria bem enriquecedor um trabalho mais detalhado que correlacionasse esses estudos. Pois, ao mesmo tempo em que esses trabalhos são de campos de estudos diferentes, também, apresentam resultados semelhantes e complementadores sobre o estudo do fenômeno linguístico brasileiro.

Na tentativa de apresentar e esclarecer o debate sobre a inversão dos sintagmas locativos em PB, constatou-se que esse fenômeno linguístico pode ser um fenômeno de grande importância sobre o estudo da influência das LAs sobre o PB. Pois, se de fato esse fenômeno ser atestado como um fenômeno originário do contato entre essas línguas, a tese da participação das línguas africanas sobre o PB tornará cada vez mais evidente, haja vista o contato ter influenciado a sintaxe do PB.

Referências Bibliográficas

- AVELAR, J.; CYRINO, S. *Locativos preposicionados em posição de sujeito: uma possível contribuição das línguas Bantu à sintaxe do português brasileiro*. Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto. Porto: Universidade do Porto, 2008. Vol. 3.
- LUNGUINHO, M. V. da S. Partição de constituintes no português brasileiro: características sintáticas. In: SILVA, D. E. da (Ed.). *Língua, gramática e discurso*. Goiânia: Cãnone; Grupo de Estudos de Linguagem do Centro-Oeste, 2006. p. 133-147.
- MIYAGAWA, S. *Why Agree? Why Move? Unifying Agreement-based and Discourse Configurational Languages*. Linguistic Inquiry Monograph. MIT Press, Massachusetts, 2010.
- MUNHOZ, A. T. M. A estrutura argumental das construções de tópico-sujeito: o caso dos sujeitos locativos. 2011. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2011.
- Naro, A. J. & Scherre, M.M.P. *Origens do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- NEGRÃO, E.V.; VIOTTI, E. Epistemological aspects of the study of the participation of African languages in Brazilian Portuguese. In: PETTER, M.; VANHOVE, M. *Portugais et langues africaines: Étude afro-brésiliennes*. Paris: Karthala, 2011. p. 13-44
- PETTER, M. *Aspectos morfossintáticos comuns ao português angolano, brasileiro e moçambicano*. PAPIA- Revista Brasileira de Estudo Crioulos e Similares. 2009. p.201-220. Vol. 19.

